

A arte de viver da fé

Susana Rebouças



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

A arte de viver da fé

Susana Rebouças

2015



Copyright 2015 © by Susana Rebouças
Universidade Federal da Bahia

Capa e ilustrações:
Chico Brasil

Fotos:
Susana Rebouças
Dodó Rebouças

Edição gráfica:
Dodó Rebouças

Orientação:
José Roberto Severino

Rebouças, Susana, 2015,
A arte de viver da fé: livro documental
– Salvador.



SUMÁRIO

Introdução	4
Pedindo pra chuva cair, cair sem parar...	6
Queda do catolicismo e ascensão protestante	14
Memórias de nós	19
Memórias da seca por religiosos do interior da Bahia	20
Herança em memórias (Celestina Rebouças)	21
Os pagadores de promessas (Eduardo e Manoel)	28
Abençoado por Deus (Rafael Freitas)	38
Os retirantes (Antônia das Virgens)	42
Um só Deus (Antônia Sales)	46
A Fuga (Maria Estella)	50
A última fiel (Maria Bertina)	56
O contador de causos	62
Retratos da Seca e da fé	72



“Andar com fé eu vou que a fé não costuma faia”.

Gilberto Gil



INTRODUÇÃO

“A arte de viver da fé/ Só não se sabe fé em quê”.

Em *Alagados*, Hebert Viana fala sobre a dura realidade das favelas do Rio de Janeiro (em especial da Favela da Maré) e os problemas com a chuva. A música faz parte do disco *Selvagem?* de 1980, ano em que o país sofria uma forte crise econômica. 2015 também sofre uma crise. Em Salvador apareceram mais destes alagados. Mas, enquanto uns sofrem com a abundância, outros sofrem por escassez. Este livro é justamente sobre os que vivem na seca e que sofrem anos de lenta tortura, que no fim das contas e infelizmente, já virou uma característica cultural do nordestino.

Assim como os alagados cariocas, os sertanejos baianos seguem na arte de viver da fé e sabem bem em quê. Os nordestinos, em sua maioria católica, já viveram muitas secas, das mais devastadoras às mais brandas, mas que desgastam e devastam até a alma.

Fabiano e Sinha Vitória, personagens fictícios das *Vidas Secas*¹ de Graciliano Ramos, são só retratos de tantos Fabianos e Vitorias que o nordeste abriga, com tantos filhos mais velhos, mais novos, com tanto pelear e nunca desistir. Ramos deixou com sua ficção um retrato da seca do nordeste, que faz parte das nossas memórias com o chão e alpercatas rachados, mas principalmente com a fé. Assim, também, como o personagem real de Euclides da Cunha², Antônio Conselheiro, que repetiu a profecia sertaneja de que o sertão virasse mar, deixando a esperança no coração dos nordestinos sertanejos.

Neste livro você conhecerá personagens reais, mas com histórias que mais parecem ficção como as de Fabiano e Sinha Vitória. Tiveram destinos distintos, mas vivem igualmente da fé de que um dia seus

¹ RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Record, 1986.

² CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo, 1984



Essas pessoas podem não fazer parte da sua vida diretamente, mas fazem parte da sua história de alguma forma, já que você faz parte do nordeste, do Brasil ou do mundo. E, provavelmente, você só conhecerá as histórias dessas pessoas agora.

Os sertanejos que compõem esta obra relembram histórias individuais da seca com brilho ou lágrimas nos olhos. Os nove vivem na Bahia e a vida toda, ou boa parte dela, na roça. Talvez essas histórias lembrem a sua avó, o seu pai, ou um velho conhecido. Essas memórias individuais se cruzam nas mesmas secas, nas mesmas religiões, no mesmo Deus e se transformam em memória coletiva da seca do nordeste a partir de religiosos que muitas vezes transformam sua religião em manifestação cultural.

Estes nove (sobre)viventes da seca lhe contarão histórias de fuga, de permanências, de promessas e até causos de tempos remotos, que tal-

“A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hóspede. Sim senhor, hóspede que demorava demais, tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite”

Fabiano



PEDINDO PARA A CHUVA CAIR, CAIR SEM PARAR...

Luiz Gonzaga em *Súplica Cearense*, composição de Gordurinha, canta uma oração em que pede encarecidamente, “Senhor, eu pedi para sol se esconder um tiquinho/ Pedi pra chover, mas chover de mansinho/ Pra ver se nascia uma planta no chão”. Assim fazem os viventes da terra em época de estiagens que causam prejuízos socioeconômicos para o semiárido nordestino há anos. Infelizmente, a seca tem início e fim de difícil determinação, com intensidade gradativa e a sua principal causa é o fenômeno El-Niño.

A última seca que atingiu o nordeste teve início em 2012 e esperava-se que tenha acabado em 2014. Só no primeiro ano da última estiagem, os pecuaristas perderam cerca de quatro milhões de animais. Esta foi a maior seca dos últimos 50 anos³.

Feira de Santana (a 108km de Salvador), Iaçú (a 279km) e Marcionílio Souza (a 366km), são as cidades em que os personagens sertanejos deste livro vivem. No distrito de Maria Quitéria, em Faria de Santana, antes conhecido como São José dos Itapororocas, quase toda a população vive do trabalho rural. As três cidades decretaram estado de emergência por estiagem nos últimos cinco anos⁴. Em toda a Bahia, 183 municípios dos 417 decretaram estado de emergência por estiagem ou seca só em 2014. E em 2015, até início de maio, oito municípios já haviam decretado situação de emergência por estiagem na Bahia e no Brasil são mais de 930 municípios em situação de emergência com mais de 45,5 milhões de pessoas afetadas pela seca, o equivalente a 20% da população⁵.

Comparando os últimos cinco anos, 2013 foi o ano em que a Bahia teve mais municípios em estado de alerta. Das três cidades visitadas,

³ Dados da World Meteorological Organization - WMO (Organização Meteorológica Mundial).

⁴ Dados do Ministério da Integração Nacional.

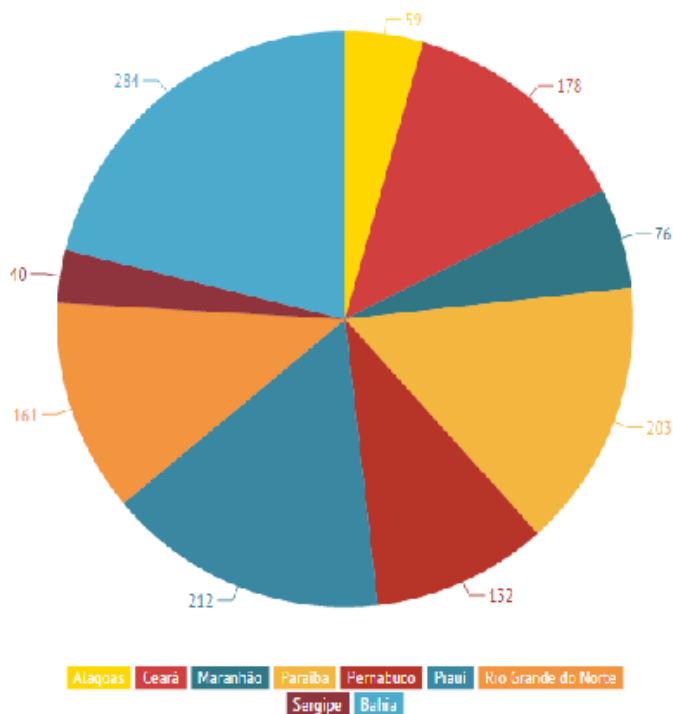
⁵ Segundo informações da Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri).



Marcionílio Souza foi a que mais apareceu na lista das cidades em estado de emergência desde 2011.

O nordeste é a região em situação mais crítica. Nos últimos cinco anos, a Paraíba foi o estado nordestino que decretou mais situação de emergência. A Bahia ficou em 3º lugar.

Número de decretos de estado de emergência no nordeste em 2013



Fonte: Ministério da Integração Nacional. 2013 foi o ano mais crítico nos últimos cinco anos para a região.



A Revista Superinteressante fez um levantamento sobre as maiores secas que atingiram o país desde que se tem registro. Contando com a última, foram 11 grandes secas que o país enfrentou até hoje. Confira o infográfico.



A maioria das secas teve duração de dois anos. Em 1979 iniciou-se uma seca que durou seis anos, a mais longa da história.

1979 - 1985

1776 - 1778

1877 - 1879

1919 - 1921

1934 - 1936

1997 - 1999

2012 - 2014 *

Mesmo com o extenso histórico de secas no país, o Brasil desperdiça 37% de água tratada em vazamentos, defeitos, ligações clandestinas (gatos) e mau uso. Os gastos que deveriam ser de 110 litros por pessoa ao dia, são de 166,4 litros em todo o país⁶.



1963 - 1964
2001
2007 - 2008

1723 - 1727

⁶ Dados do Sistema Nacional de Informações de Saneamento (SNIS) do Ministério das Cidades e Organização Mundial da Saúde.







Estrada de chão que liga Mar-
cionílio Souza a Planaltino. Em
2013, o capim e parte das árvo-
res já haviam secado completa-
mente | Foto: Dodó Rebouças.



Chuva em véspera de São José na zona rural do distrito de Maria Quitéria. 18 de março de 2015
Foto: Susana Rebouças.





QUEDA DO CATOLICISMO E ASCENSÃO PROTESTANTE

Mesmo o Brasil sendo oficialmente um estado laico desde 1890, após um decreto de Rui Barbosa⁷, o catolicismo ainda é a religião majoritária no país, envolvendo mais de 120 milhões de adeptos. Só no Nordeste, cerca de 70% da população se considera católica. Embora o catolicismo ainda seja o mais forte, este número tem diminuído nas últimas duas décadas, dando espaço ao crescimento da população protestante que tem mais de 20% da população brasileira como fiéis. Ainda houve nos últimos 10 anos, um aumento de pessoas que se consideram espíritas e das que se declaram sem religião, mas em ritmo inferior à década anterior⁸. Mesmo que este declínio católico esteja acontecendo em todas as regiões do país, o percentual ainda mantém-se elevado nas regiões Nordeste (72%) e Sul (70%).

Foi a partir dos anos 80 que a porcentagem de católicos foi declinando cada vez mais, saindo de 90% em 1980 para 73,8% em 2000, se iniciando no Brasil uma aparente diversificação religiosa. Mas, católicos e protestantes ainda somam a maioria. Juntas, as duas religiões resultam cerca de 90% da população brasileira. Assim, a diversidade religiosa se concentra em menos de 5% da população.

Carlos Rodrigues Brandão, em *Os deuses do povo*⁹, diferencia o fiel católico do protestante: enquanto um segue às regras da igreja e da Bíblia, os outro se permitem pregar fora da instituição, com suas manifestações populares culturais. Também, diferentemente dos protestantes, os católicos construíram (e constroem) um leque de histórias com versões diferenciadas (dos santos e seus milagres, por exemplo), que acabam se tornando cultura popular, como as festas de padroeiro. Além disso,

⁷ Rui Barbosa era jurista e passou a escrever e pregar contra a aliança da Igreja com o Estado desde 1876.

⁸ Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

⁹ 1986.



o fiel protestante precisava ser protestante e fazer parte da igreja para poder participar da religião e o católico podia participar sem necessariamente ser, como acontece até os dias atuais. Talvez por isso muitas pessoas não batizadas e que não frequentam a igreja ainda se considerem católicas.







Devotos carregam andor de São José para procissão no último dia da novena. Paróquia São José dos Itaporocas, distrito de Maria Quitéria, Feira de Santana. 19 de março de 2015. | Foto: Susana Rebouças.



Há um tempo, mesmo que os ritos da igreja se concentrassem nas mãos do padre, foi concedido aos fiéis o poder de reunirem-se por conta própria para a “reza do terço” e as procissões rurais¹⁰. Embora este catolicismo de devoção ainda exista com certa autonomia, até hoje os fiéis mantêm respeito ao catolicismo institucional, estando as práticas oficiais em lugar de maior importância para a religião do que as manifestações populares.

No distrito de Maria Quitéria, em Feira de Santana os fiéis fazem uma representação do próprio mundo através da religião. A devoção ao padroeiro São José é por ter sido o pai de Cristo (e ainda ser, agora como santo) exemplo de trabalhador como carpinteiro, assim como são os trabalhadores rurais do distrito.

Além de Maria Quitéria com São José, as outras duas localidades visitadas, Marcionílio Souza e Iaçú, têm como padroeiros Nossa Senhora Santana e Sagrado Coração de Jesus, respectivamente. Nossa Senhora Santana, bem como São José, é uma das santas mais queridas pelo sertanejo, que em suas orações suplicam misericórdia àquela que foi escolhida para ser a mãe da mãe de Jesus e que, também como São José, é protetora da família. Santificados, Ana e José eram, antes, apenas humanos como todos nós.

Saramago, no início de seu livro *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*¹¹, conta-nos o nascimento de Jesus. Na história do escritor português, até o próprio filho de Deus, escolhido para salvar os humanos de seus pecados, nasce sem firulas, também humano como nós.

“O filho de José e Maria nasceu como todos os filhos dos homens, sujo do sangue de sua mãe, viscoso de suas mucosidades e sofrendo em silêncio”.

Ana e José, se não fossem santificados pela Igreja, poderiam ser santificados pelos próprios fiéis, como foi com Padre Donizetti, que mesmo não enunciado como santo é tratado como tal, assim como Irmã Dulce ou Maria Milza, também tratada como santa desde que fez seus primeiros milagres em Itaberaba, interior da Bahia.

¹⁰BRANDÃO, 1986.

¹¹ SARAMAGO, 1991, p. 81.



MEMÓRIAS DE NÓS

A memória mantém viva a nossa história e identidade, seja individual ou coletiva. Passada de geração para geração, contada e recontada, muitas vezes reconstruídas, como as histórias que vai ler de seu Jerônimo neste livro, que ouviu do pai e passou para mim e tantos outros, fazendo com que os seus causos façam parte da memória coletiva da cidade em que mora. A memória faz com que voltemos no tempo, permitindo-nos comparar o passado ao presente, analisando, a partir daí, o futuro.

A memória de outras pessoas ativa o nosso imaginário. Abre um leque de histórias que contadas e recontadas acabam mudando um pouquinho, a cada vez que é contada e por cada um que as conta. Sem memória jamais existiria história. A memória registrada pelos nossos ancestrais nas paredes das cavernas em forma de desenhos, hoje faz parte da história mundial. As histórias contadas por nossas avós de quando estavam grávidas de nossos pais, ou por nossas mães de quando estavam grávidas de nós, fazem parte da nossa história individual. São todas memórias. Lembradas ou registradas, individuais ou coletivas, elas fazem parte das nossas vidas.

A partir de agora, vamos tratar de juntar memórias individuais da seca do sertão baiano por sertanejos religiosos. Essas histórias juntas formam uma história maior das secas no centro da Bahia, contada por viventes dos últimos 90 anos.



MEMÓRIAS DA SECA

Por religiosos do interior da Bahia

Oito católicos, uma evangélica: nove fiéis a Deus. Todos moradores de pequenas cidades e distritos do interior da Bahia que vivem ou viveram parte de suas vidas na roça. Eles conhecem a realidade da seca de perto e guardam em suas memórias histórias da estiagem e de quando, na luta, viviam armados de fé, já que esta era a única saída quando a chuva não aparecia.

Jerônimo, Maria Bertina e Maria Estella, Antônia Sales e Antônia das Virgens, Rafael, Manoel, Eduardo e Celestina são os personagens desse livro.

Seu Jerônimo guarda na memória cada um dos casos que ouviu sobre a religião e cada seca que viveu na cidade de Ipirá. Dona Maria Bertina já não faz mais as procissões que fazia e se sentindo incomodada entre dois grandes fazendeiros que reclamavam com a passagem dos bichos pela cerca decidiu não ser mais uma na briga. Dona Maria Estella poderia ser mais um cabra marcado para morrer pelo poder dos mais fortes nos documentários de Eduardo Coutinho, mas fugiu com a vida e a angústia. Dona Antônia Sales trocou o catolicismo para se tornar protestante. Dona Antônia das Virgens fugiu da grande seca com 10 filhos. Seu Rafael e seu Manoel acreditam que a culpa da seca é dos homens que querem saber mais do que Deus. Seu Eduardo representa os seus pares como diretor do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do distrito de Maria Quitéria e agradece todos os anos a São José por ter o seu pedaço de terra. Dona Celestina teve sorte de morar à beira do Paraguaçu, mas a tristeza de ver gente migrar para as margens do rio e longe de suas casas.

São todos personagens típicos do sertão, sofridos, mas fortes, que já perderam muito com a seca, mas nunca perderam a fé.



HERANÇA EM MEMÓRIAS

Desde que me entendo por gente, me lembro das visitas de Mãe Rainha à casa de dona Celestina Rebouças, minha avó. Foi com ela que aprendi a gostar dos santos, a acha-los bonitos e a entender que ali estavam imagens de pessoas santificadas que representaram Deus com toda a sua bondade terrestre. Cresci e vi que não era assim tão simples que as coisas funcionavam. Existiam tantas pessoas boas no mundo. Eu cheguei a querer que minha avó fosse uma santa, já que ela gostava tanto deles.

Fui conquistada pela cantoria das visitas de Mãe Rainha, que vinham da casa da vizinha também fiel e em dias partiria para a casa de mais outra, sempre subindo a Rua Joana Angélica e me deixando saudades da vela acesa na cristaleira da segunda sala. Jamais dormia no quarto dos fundos se não fosse com a minha avó, pelo simples fato de lá ficar o seu oratório com todos os santos. Eu ingenuamente acreditava que os santos criavam vida à noite e poderiam me assustar. Hoje, anos depois, já não caibo mais na “costelinha de vó”, como costumava chamar a cama dela, mas caibo nas várias histórias de quando ela ainda morava na roça, de seu pai e a praga que matou vários bichos, de quando se casou e se mudou para uma casa na beira do rio onde a seca não dóia na pele, mas na alma, ao ver chegarem pessoas de longe, fugindo da estiagem. Perdoem colocar-me tanto no meio desta história, que embora seja muito minha, não é sobre mim, mas foi das histórias de dona Cecé que a ideia deste livro surgiu.

Eu morava em fazenda, fui criada em fazenda. Lá a gente ainda prantava, tinha roça. Prantava feijão, milho, cana, batata, abóbora, melancia. Mas a gente prantava só pra o consumo da casa. Tinha época que o que prantava dava, mas tinha vez que ficava ruim. Às vezes dava pela metade, perdia as coisas. É que às vezes faltava chuva, aí perdia.

Um dos casos que fazem parte da memória fotográfica de dona Cecé, foi quando era pequena e uma doença começou a matar os bichos de seu pai e fazendeiros vizinhos.



Teve um ano que teve uma doença que apareceu nos animais. Dessa vez não foi por causa da seca. Essa doença que apareceu matava o gado e os cavalos gordos! Mas a moléstia atacava e aí morria. Veio um veterinário de Salvador por nome Orlando, aí juntou aqueles fazendeiros todos dali de perto, porque todos já tavam tendo a moléstia nas fazendas. Inclusive lá em casa, na fazenda Muritiba, tinha uma vaca caída há dias, porque era uma doença assim, que atacava ali nas costas, ali pro lado das cadeiras e elas caíam e não levantava, até quando morria. Uns morriam ligeiro e outros demoravam. Essa vaca mesmo ficou no chão um tempo. A gente levava água pra ela, levava comida, o mato, botava e ela comia, mas não podia levantar. Meu pai com aquelas pessoas iam pra ver se levantava ela, mas não podia. É tanto que quando o veterinário chegou aí, ele foi lá na fazenda e cabou de matar. Matou pra tirar o miolo pra levar pra examinar. A gente chorou na hora que mataram. Aí levou pra Salvador, ficou lá uns dias eles examinando, quando veio, já veio a vacina pra o gado. A moléstia chamava raiva. Então começaram a vacinar o gado, os cavalos e os outros. Foi indo e desapareceu a doença. A gente pedia assim a Deus, pra Deus ajudar que desaparecesse aquela doença e desapareceu.

No santuário do quarto dos fundos encontramos dezenas de santos. Entre eles uma relíquia: um Cosme e Damião herdado do bisavô, meio desgastado, mas intacto. Com todo o cuidado que tem com as suas coisas, ela se vê preocupada com o destino dos santos quando Deus resolver chamá-la.

Quando eu morrer eu quero que alguém cuide dos meus santos. Eu fico numa preocupação de se jogaram os bichinhos fora. Esse mesmo eu ganhei de herança do meu bisavô.

A religião e a devoção aos santos é herança da mãe. Um de seus irmãos se chama José por ter nascido às vésperas do dia do santo, mas sua mãe era devota mesmo de Santo Antônio.

A boa memória de dona Cecé nem sempre lhe traz boas memórias. Quando se casou, foi morar no povoado de Queimadinhos, em Marcionílio Souza, onde se lembra de ter visto rituais populares



criados pelas moradoras católicas do lugar para pedir o fim da estiagem.

Na época da seca, tinha pessoas que faziam promessa. Em Queimadinhos tinha uma senhora que chamava Nazinha, ela fez. Tava uma seca! Ela fez pra buscar água no rio e colocar na cruz de frente à igreja. Cada um ia com uma garrafa. Aí elas vinham cantando, rezando e tal, quando elas chegavam no cruzeiro despejava aquelas vasilha de água e pedia a Deus, a São José e tudo, pra mandar chuva. Eu nunca acompanhei. Mas eu acendo vela e peço a Deus que tome conta de meus netos, minhas netas, toda a minha família e todos que tiverem fé em Deus.

Além da boa memória para os fatos, ela se lembra das datas de comemoração de quase todos os santos, como se fossem aniversários da família, os quais, diga-se de passagem, ela não esquece um.

Agora foi São José, dia 19 de março. Maio é o mês de Maria, que sempre tem a novena. Era muito bonito dia 31 de maio, era muitas meninas que coroavam Nossa Senhora. Até hoje ainda coroa mas é diferente, de antes era muito bonito. Agosto tem São Roque, que o pessoal faz pedido pra livrar das doenças. Aqui tem a igreja dele e todo ano tem a festa, tem a missa, tem procissão. Agora é uma igreja que eu ainda não fui. Eu fui quando era capela, mas depois que fez a igreja eu ainda não fui. Disse que é muito bonita. Esse ano se eu puder eu quero ir. No mês de agosto ainda tem Bom Jesus da Lapa. Bom Jesus no dia 6 e São Roque no dia 16.



Imagem de Cosme e Da-
mião, herança do bisavô
Foto: Susana Rebouças.







Celestina Almeida Rebouças, 81 anos, Iaçú-Bahia.
21 de março de 2015.





Dona Cecé foi criada em João Amaro, um povoado da cidade de Iaçú. Depois, casou-se e mudou para Queimadinhos, povoado do município de Marcionílio Souza, cidade vizinha a Iaçú. Entre idas e vindas, vendo e vivendo a seca de perto e de longe, dona Cecé tem uma memória tão boa que se lembra dos casos de quando ainda era criança. Hoje, já há quase 40 anos de volta à Iaçú, ela continua plantando, mas desta vez flores e plantas ornamentais, as quais tem prazer em regar duas vezes ao dia e mostrar, orgulhosa, toda a beleza do seu quintal. Sempre cuidando de seus santos, até hoje ela recebe a visita da Mãe Rainha todo dia 18 do mês, mas infelizmente, sem a bela cantoria. A vizinha vai

sozinha levar a imagem que depois ela leva, sozinha, para a casa da outra vizinha.



OS PAGADORES DE PROMESSAS

Todo último dia da novena de São José, em Maria Quitéria, uma grande festa acontece na Fazenda Lagoa Grande. O santo deve até se arrepende quando não manda chuva, mas aceita, de bom grado, a promessa que Eduardo dos Santos paga desde que conseguiu o seu pedacinho de terra.

Olha, eu tenho uma promessa que todo ano eu faço, minha novena de São José. Porque quando eu casei, eu não tinha um parmo de terra, mas a minha companheira me ajudou, meus filhos foi crescendo, ajudando, obedecendo. Trabalhando a gente conseguiu comprar. Hoje eu tenho 10 tarefa de terra que dá pra eles tudo fazer casa em cima. Então, foi uma promessa que se ele rogasse a Deus pra que eu pudesse ter um parmo de terra como meu e da esposa, a gente continuava fazendo a nossa novena, como todo ano a gente faz. Mas é só uma noite. As outras noite a gente acompanha aqui na sede. Agora tem uma noite que é separada, né? Convida os vizinho, reza a nossa novena de São José e depois tem o comes e bebes. Às vezes não dá pra fazer no último dia da novena, e eu faço depois, mas não deixo de fazer, todo ano.

Seu Du, como é carinhosamente chamado, representa o povo de seu distrito como diretor do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Como bom trabalhador rural, ele planta e colhe tudo nos dez palmos de terra que ganhou com a ajuda de São José.

Eu planto feijão, milho, mandioca... Já plantamo até fumo. Mas só que com as dificuldades, os filhos cresceu, pegaram o rumo e ficou só eu e a mulher pra trabalhar, então deixamos de plantar o fumo. Mas agora nada tá dando por causa da seca. Eu tou esperando esse ano, conforme nós temos a esperança sempre, que não perdemo, que tenha um bom inverno pra gente poder fazer a nossa plantação.

Esse ano eu não fiz nenhuma promessa pra chover, mas eu espero que a gente vamos ter chuva. Na verdade eu não faço promessa pra chover, eu digo assim: _Eu espero, São José, que este ano a gente tenha



a chuva que podemos fazer a plantação, não só eu, como todo o povo, principalmente do nosso distrito.

Com as secas cada vez mais fortes e mais recorrentes, seu Eduardo lamenta, lembrando como aconteciam a plantação e colheita em tempos passados.

Hoje com o tempo escasso não tá dando mais pra trabalhar diretamente, conforme se fazia. Mas pelo menos planta. Trabalha às vezes na cidade dois dias na semana. Três, quatro dia na roça. Mas sempre a gente faz as coisa.

Antigamente a gente fazia uma coisa que chamava troca de dia e mutirão, que era digitório que a gente chamava, né? Um ajuda um, outro ajuda outro. Essa aí era a forma que a gente fazia e quase que não se pagava. Só na hora do aperto pra limpar o feijão, que aí se pagava um dia uma pessoa. Mas era mais troca de dia ou então digitório.

A chuva antes era bem constante, né? Desde as trovoada. Quando chegava no mês de novembro, dezembro sempre tinha trovoada de muito aguaceiro. Em fevereiro estava um pouco e em março, podia esperar, que a chuva chegava pra se plantar o milho, pra no São João ter forrózada de milho e amendoim. Agora não tá mais dessa forma, né? Às vezes o amendoim não se aplanta, mas o milho como é companheiro de capim, plantou, nasceu. É o que tá às vezes se plantando. Mas conforme se fazia roça de amendoim, hoje não tá mais dando pra se fazer por causa da chuva que não tá constando conforme era.

Esse ano eu ainda não plantei. Tou com uma terra preparada, né? Eu tava esperando, que ontem deu uma chuvinha por aqui, eu falei: _Êta, graças a Deus! Quinta-feira 19 eu não aplanto, mas espero 20 e 21. Aí eu vou começar a plantar meus milho pra fazer o forró de São João.



Seu Eduardo é devoto de São José e pagante de uma promessa que vai levar por toda a vida com a esposa. Nos palmos de terra que conquistou depois de casar, ele planta e colhe, sempre que o seu santo preferido ajuda com a chuva. Durante a última missa da novena de São José, seu Du ficou atento, participando quando era convidado, junto com toda a igreja, aos louvores e aclamações com a esposa e companheira da lavoura e da religião, sentada ao lado.

Eduardo Pereira dos Santos, 72 anos, Fazenda Lagoa Grande, distrito de Maria Quitéria, Feira de Santana - Bahia.
19 de março de 2015.





Quando não se sabe o que fazer, ou se tem algo a ser feito, o jeito é colocar nas mãos de Deus... ou de São José.

Seu Manoel, ou seu Mãezinho, como é chamado desde que seus irmãos o apelidaram assim, passou por uma situação complicada: uma ovelha prenhe com mastite. Desconfiado de que a doença poderia levar ao pior, seu Manoel fez uma promessa para São José, caso a ovelha fosse curada. E foi. Quando chegamos ao quintal da casa onde trabalha, que fica a poucos quilômetros da sede do distrito de Maria Quitéria, lá estava a ovelha, em pé, com o peito ainda inchado, mas bem menos do que há uns poucos dias. Junto dela estavam dois filhotinhos nascidos na noite anterior, que mal conseguiam ficar de pé.

Quando eu faço promessa pra São José, eu não faço pra chuva, não. Eu faço promessa de um bicho meu que às vezes tá com problema. Agora mesmo, eu não vou hoje, mas vou mandar por essa minha cumade ali dez reais pra botar no pé dele. Porque eu fiz uma promessa que eu tava com uma ovelha meio doente, criou uma pedra no peito e aí eu digo: _ Vou fazer uma promessa que vai melhorar. Felizmente eu fiz a promessa e melhorou. Então eu tenho que pagar a promessa, né? Eu não vou, mas eu vou mandar ali minha cumade levar 10 reais pra botar no pé dele, de São José.

Lavrador desde sempre, presenciou muitas estiagens. Acostumado a contar o tempo pelo “tempo da flor”, ele já sabe qual é a hora de plantar, graças à sua meteorologia popular. Mas muitas vezes foi surpreendido com a seca.

A gente aplantava, mas no tempo da flor faltava chuva e aí perdia. O tempo da flor é assim, nós planta em maio, né? Aí vem maio e junho. No mês de agosto já é o tempo da gente tá colhendo. Quando o sol batia, a gente perdia. Eu plantava feijão, mandioca, aipim, tudo da roça eu plantava. Tudo! Melancia, feijão de corda... Agora mesmo bateu o sol no feijão de corda, tá praticamente perdido, porque não choveu pra eles botar flor. Tá perdido.

Aqui teve umas passagem que foi perigosa. Igualmente 2013,



foi péssimo! Foi ruim demais. Foi dois anos, 2012 e 2013. Eu mesmo plantei um feijão, em 2013, 2012, sei lá. Eu sei que o feijão que eu peguei foi três litro, perdi tudo! Agora esse ano eu peguei e plantei acho que duas tarefa de milho e graças a Deus eu ganhei tudo. Milho, feijão, tudo que eu prantei, eu ganhei. Mas por agora eu não plantei ainda não. Tamo esperando esse inverno de 2015 chegar agora em maio. De abril pra maio tá todo mundo esperando o inverno, né? De maneira que se chover no fim desse mês [março], lá pro dia 29, 28, eu tenho que deixar umas terra arada aí, logo prevenido. Quando chegar o mês de abril e maio eu planto. Mas se não chover eu vou fazer o que, né? Esperar Deus. Tá todo mundo na espera. Disseram que o inverno esse ano vai ser bom. Ontem deu uma chuvinha aqui, pouquinha, pensei que ia aumentar, mas não aumentou, não. É assim, mesmo né?

O tempo tá mudado, não é mais aquele tempo de antigamente, não. Eu arcancei ainda plantando no mês de março, nesse mês que nós tamo. Aí foi pinotando. Pinotou pra mês de abril, pinotou pra maio. Eu já plantei até mês de São João e tive. Agora tem mês que planta em São João quando a chuva demora muito. Não dá como era, mas dá. O tempo tá tudo mudado. Aliás, o tempo não, os homens! Os homens quer saber dos segredos de Deus e não sabe. Eles morre doido e não sabe, de jeito nenhum.





Manoel Ferreira Silva, 73 anos, Fazenda Lagoa Suja, distrito de Maria Quitéria, Feira de Santana-Bahia.
19 de março de 2015.





No quintal da casa onde trabalha, Seu Manoel mostrou o pôr do Sol, o poleiro das galinhas, a ovelha parida, os dois filhinhos ainda assustados com o mundo e os demais bichos. Ele que cuida de todos. O lavrador pode não saber decifrar as letras, mas conhece bem as estações do ano e os melhores momentos para plantar. Aprendeu com a vida, com a meteorologia popular, com o costume. Como bom fiel, espera, sem muita cobrança, que Deus mande em algum momento o tão esperado inverno chuvoso de 2015.







Eu trabalho com terra desde que eu me entendo como gente, desde que comecei a andar e entender as coisa. Eu aprendi com Deus, porque o meu pai morreu e eu fiquei com quatro anos. Aprendi com Deus e minha inteligência. Graças a Deus a terra foi me ensinando e eu aprendi tudo. É assim que eu vivo da terra.

Rafael mora com toda a família na zona rural do distrito de Maria Quitéria. Lá ele tem um sítio onde planta de tudo e, mesmo com as fortes estiagens, nunca ficou sem nada das plantações. Seu Rafael mora a poucos quilômetros de Seu Manoel, o Mãezinho.

Eu planto tudo! Milho, mandioca, feijão, capim, fruta... De tudo eu mexo. Animal, carneiro, porco, cavalo... Tudo! Às vezes tudo cresce. É difícil perder tudo, perde um pouquinho, mas nunca perdeu de tudo pra dizer que não tem nada. Tem ano que corta um pouco, dá menos, tem ano que dá mais, mas nunca se deixa de ter uma coisinha, não. Eu nunca perdi um ano pra dizer assim: _Não tive nada aqui.

Esse ano eu plantei um milhozinho e um feijão de corda já. Agora tá murcho, mas se chover ainda vai. Tá murcho, mas tá vivo. Se Deus ajudar que chova agora pelas passagem de São José vai. Daqui pra meia-noite ainda é São José, né?



São José teve vez que faiou [risos]. Antigamente era mais certo, mas agora faia um pouco, vem depois de dois dias, três... Eu acho que isso é pelos tempo. O povo quer saber as coisa mais que Deus. Aí o tempo vai mudando. Que antigamente a coisa era muito diferente de hoje. A trovoada era certa, hoje nada é mais certo, tá tudo variado. O inverno tá variado, a trovoada tá variada, passa aqui, não passa ali, não é? Vez que dá a chuva na sede do distrito que alaga a rua toda e aqui pra gente não dá nada. Há 30, 40 anos atrás era bem diferente a coisa.

Embora católico e devoto de São José, seu Rafael conversa direto com o todo poderoso.

Eu acho que Deus ajuda, em todo ponto, em todo momento, toda hora. Eu sou devoto de São José, mas não sou muito de fazer promessa pra santo, não, eu sou mais de ir direto a Deus [risos]. E graças a Deus quando eu peço eu sou atendido.



Seu Rafael não vai à igreja todo domingo, mas vai sempre que pode, com exceção da noite porque seu negócio é com o dia. Órfão de pai desde os quatro anos, aprendeu sozinho a cuidar da terra e, por incrível que pareça, é o único neste livro que diz nunca ter perdido tudo ao chegar da estiagem. O santo de seu Rafael é o mesmo de muitos de Maria Quitéria, mas neste quesito, parece mais forte.

Rafael da Cruz Freitas, 63 anos, Fazenda Lagoa Grande, distrito de Maria Quitéria, Feira de Santana - Bahia.
19 de março de 2015.





*Quando a lama virou pedra e mandacaru secou/
Quando ribaçã de sede bateu asas e voou/
Foi aí que eu vim me embora carregando a minha dor.*

Foi exatamente assim, como Luiz Gonzaga em *Paraíba masculina*, que Dona Antônia Pereira das Virgens fez quando a seca chegou. Ela podia ter sido mais um dos Severinos de João Cabral de Melo Neto, morta de morte morrida, morta de fome. Mas decidiu fugir da seca e da fazenda Pé de Serra com destino ao distrito de Maria Quitéria com 10 filhos, a fé e a coragem.

Eu morava nos Treze, dos Treze eu fui lá pra Mané Coruja que é uma ruazinha, tipo um pavilhadozinho. Depois morei no Pé-de-Serra e agora moro aqui. Eu vim morar aqui porque eu não aguentei aquela fome. Na hora que deu aquela fome, eu com 10 filho, como era que eu dava de comer naquela seca que teve? Na cidade não vê seca, né? Vê quem mora na roça, onde farta água, farta farinha, farta tudo. Aí ficou difícil pra mim. É muito filho, se você não tiver uma coisa pra dar é ruim demais. Eu saí de lá e vim morar aqui com 10 filho. Antes de tudo era 15, eu tenho 10 vivo. Coloquei uma bodegazinha aqui e fiquei vendendo na bodegazinha. Aí meu menino mais velho morreu e eu fiquei sem saber o que era que fazia. Quando cê perde um filho é difícil, viu? Ainda morreu novo, com 25 ano, lá em Minas. Aí eu larguei: _Não quero negócio de venda que eu não tô sabendo o que é que eu tô fazendo. Agora eu trabalho na roça, pranto meu feijão, meu milho, batata, abóbora, tudo que der na roça... A vida é assim.



Aqui a gente pranta pra comer, agora quando tem muito pra não bichar, a gente vende um pouquinho. Mas pranta mais é pra comer.

Dona Maria é católica fervorosa, fiel e empenhada. Enche o peito para falar da religião. Embora só tenha uma imagem em um porta-retratos de Bom Jesus da Lapa, dona Antônia conhece os benditos necessários para pedir socorro aos santos. Como todos no distrito, esperando a trovada de São José para plantar o milho e o amendoim das festas de São João, dona Antônia reza.

*Meu São José, man-
de chuva com 'bon-
dança,' meu Jesus de
Nazaré...*

Quando tem o passeio de São José, agora mesmo vai ter, vai cada um com sua vela na mão.

Quando São José não manda chuva a gente tem que se conformar porque ele não pode ser mais do que Deus, né? Porque primeiro é Deus, de Deus os outros. Esse ano eu tô esperando, mas seja o que Deus quiser. Se Deus vê que nós merece chuva, chove. Que sempre é assim tem ano que é bom, mas tem ano que é ruim. Não é direto que é bom, não.

O dia de São José é amanhã e hoje mesmo já deu uns pingos cedinho, que é pra plantar milho. Tem um bando de gente que já plantou milho na terra seca, esperando a chuva. Mas eu mesma não plantei, não [risos].

A gente que mora aqui é quase todo mundo devoto dele. Aqui ainda tem a igreja de crente. Eu tenho um filho que é crente, mas a lei que eu nasci eu morro.





Antônia Pereira das Virgens, 66 anos, distrito de Maria Quitéria, Feira de Santana-Bahia.
18 de março de 2015.





Vivente e sobrevivente da seca, Dona Antônia viveu toda a vida na roça. Fugida da estiagem, foi parar no distrito de Maria Quitéria com 10 filhos e logo depois perdeu um deles. Católica e devota de alguns santos, entre eles São José, dona Antônia continua plantando e colhendo às vezes, já que nem sempre o tempo favorece o trabalho rural. Mas ela sempre diz que as coisas acontecem “quando Deus quer” e é esperando sempre a vontade de Deus, que dona Antônia segue.



UM SÓ DEUS

Dona Antônia das Virgens é uma. Dona Antônia Sales outra. Ambas fiéis, crentes, mas em religiões diferentes. Enquanto uma vive com todas as possibilidades do catolicismo e suas festas, santos e afins, a outra vive a lei da Bíblia, o caminho protestante, a fé direta e exclusivamente em Deus e nos milagres do seu filho enviado. Nascida e criada na roça, a vida da segunda Antônia não tem sido fácil.

Eu continuo aqui na roça, até quando Deus quiser. Minha mão tá aqui na amargura, doendo, trabalhando pra ter o trocado. Se a gente não trabalhar a gente não tem. Deus não manda nada pronto, não. Ele manda a chuva e a gente tem que aproveitar o milagre dele cuidando da lavoura. Quando é em setembro a gente já tá colhendo. Mas, se a gente não se esforçar, a gente não pode clamar a Deus, não.

Deus é um só! Na igreja católica só existe um Deus e na outra também. O mesmo da católica tá na cristã [protestante] e igreja não tem placa. Eu vou para a igreja orar e peço ao meu Deus que dê proteção a mim e a todos. Às vezes tem gente que é cristã e diz que não vai na igreja católica. Eu disse ao pastor: _Bom, eu vou seguir a religião, agora assim, se morrer um parente meu eu vou entrar na igreja. Por que eu não vou entrar? Antes eu entrava agora eu não posso entrar?

Minha prima morreu: _Ah, tu vai entrar na igreja? - perguntou uma colega minha, eu disse: _Minha filha, tu deixa de bobagem, não existe nada disso, não tem bestagem nenhuma, a gente pode entrar na igreja. Tá celebrando a missa de corpo presente como chama, né? Mas empata a gente tá ali? Não empata, não. Eu já assisti várias. Eu morri? Não! Porque Deus é um só. Tem umas pessoas que ficam meia cara comigo eu digo: _Olha gente, vocês mudaram de religião, mas não existe dois Deus em lugar nenhum.

Dona Antônia era católica, mas deixou a igreja após uma separação conturbada. Desamparada e trabalhando na roça com a ajuda do irmão, foi convidada por uma amiga para visitar uma igreja protestante.



Quando era católica, ela comemorava o dia do santo xará, Santo Antônio. Embora hoje não possa mais participar dos festejos, relembra a época de catolicismo e agradece os convites que recebe dos conhecidos.

Eu fico satisfeita quando a pessoa me convida, que seja reza que seja um ofício, seja o que for. Eu não vou, na bem verdade, mas fico satisfeita da pessoa vir em minha casa me convidar. Eu recebo o convite com amor.

O pedido desta Antônia mudou de endereço, passou de Santo Antônio direta e exclusivamente para Deus, principalmente quando chega a seca.

Quando não chove ninguém tem nada. Mas a gente sempre ora, porque tem que orar. Aí Deus vai ver o que é que faz pela gente. A gente pede, implora, dobra o joelho no chão, como eu faço e ele sempre tá me ouvindo. Ano passado nessas épocas [período de São José] eu plantei meu milho. Meus meninos ficaram dizendo que eu tava procurando castigo de Deus, eu disse: _Que castigo de Deus? Eu tou aproveitando a chuva que ele manda, não tou pedindo pro santo. Pois, meu milho cresceu, graças a ele [Deus].



Explicando várias vezes que aquele que nasceu, vive e trabalha com roça é lavrador, ela se intitula como tal. Cresceu católica, mas o destino à fez protestante. Dona Antônia era devota de Santo Antônio, que por coincidência ou não, carrega o mesmo nome que ela. Ela vive em uma casa pequena na zona rural do Distrito de Maria Quitéria, a uns 20min da sede, junto com os dois filhos mais novos. Nos últimos meses ela enfrenta os transtornos da separação matrimonial conturbada, enquanto cuida da casa, dos filhos, das contas e da roça.

Antônia Sales Pereira, 52 anos, Fazenda Rumo, distrito de Maria Quitéria, Feira de Santana - Bahia.
18 de março de 2015.





A FUGA

Uma migração desesperada seguida do desgosto de quem precisa fugir do seu lugar. As ameaças que dona Maria Estella sofreu quando morava na roça, em Marcionílio Souza, a deixou conturbada. Ela começou a se esquecer dos nomes e das pessoas de tanta amargura. Além de sair da roça, perdeu o pouco gado que tinha num golpe dado por um conhecido do marido, que havia prometido cuidar dos bichos. Agora o único lazer de dona Ester é ir à missa, na Igreja da praça da Matriz, bem perto de casa. Da roça, ficaram apenas as lembranças.

Eu morava na roça e tou aqui porque não tem jeito. Um dia perseguiram nós e foi obrigado nós vim pra rua, mas vive contrariado, vixi! Foi três vez que perseguiu nós. A derradeira foi obrigado nós vir embora. Eles jurou que se nós ficasse ia matar nós. Como é que ficava, né?

Eu fiquei com um jeito que até hoje, eu não perdi meu juízo porque Deus foi por mim. Me apeguei tanto com Deus. Eu ajeitava tudo que era coisa, fazia qualquer coisa, tudo em paz. Mas hoje o juízo já não tá mais como tava. De um tempo pra cá, os nomes das pessoas, que tinha tanta gente que eu conheci, eu olho assim, acredita que eu perco a ideia de quem é? Tem uns assim que eu reconheço, né? Agora naquela rua lá em cima, que eu andava por lá, chegava, trazia coisa pra vender aqui, eu me esqueci tudo.

Eu vendia ovos de galinha, requeijão, essas coisas que eu fazia lá na roça. A gente plantava lá, tinha um gadinho. Você acredita que até meu gado eu perdi? Eu peguei um homem aqui por confiança, porque andava mais Terto [o marido]. Terto trabaivava aí com o patrão dele, ele carregava carga pra longe, acho que pra Santo Antônio de Jesus e Terto levou gado mais ele. Aí eu panhei e dei ele a sociedade pra ele melhorar lá e tirar a sorte. 14 cabeça. As vaca boa de leite se visse. Ele comeu tudo! Um dia nós foi lá no lugar dele, tava tudo lá. Depois daí pra cá, por confiança a gente foi deixando. Na época eu disse, vamo Terto lá espisar, aí tava lá.



Aí ele disse “Ô dona fulana, vende uma vez, pra ficar mais pouco por causa do pasto”, ai eu combinei e vendi. Até o dinheiro do resto que eu vendi ele não pagou. Aí um dia Terto apertou ele: _ Vamo ver o gado. Quando dizia que ia espiar ele dava uma desculpa: _Hoje eu vou plantar em tal lugar. _Hoje eu tenho tal coisa. Era assim.

O homem que devia dinheiro à dona Ester morreu. Suspeita-se de suicídio por envenenamento. Lamentando toda a perda que sofreu, dona Ester se lembra, com olhos brilhantes de quem está no passado, de quando morava na roça.

Eu não fazia promessa pra chover porque diz que faz mal fazer. Disse que não pode, não. Aí a gente pede a Deus pra chover e faz procissão. Lá a gente fazia muito procissão, agora aqui o povo não gosta. A coisa melhor no mundo que tinha era fazer procissão. Meu pai fazia e no dia que meu pai fazia nós chegava em casa tudo molhado.

Teve muita seca forte aqui uns anos atrás. Nós saía da fazenda que nós tinha e vinha esperar chegar água vindo de outra fazenda, do Santo Antônio, perto lá de Bartião. Pedia pro rapaz levar dois calote de água pra chegar lá beber e cozinhar. A água que tinha lá era minada, salobra. Nessas secas nós perdia o gado. Quando plantava, se era ano ruim, a gente perdia, não tem jeito.



Dona Ester morava na roça com o marido. Até que teve que fugir pra cidade por brigas de terra. Perdeu as terras para uns, o pouco de gado que tinha para outros, mas não perdeu a fé. Frequentadora assídua da igreja católica e devota do Sagrado Coração de Jesus, só perde uma missa se não tiver jeito, mas se resolve com o pessoal lá de cima no o oratório que tem no quarto, com velas acesas quase sempre.







Maria Estella Cardozo dos
Santos, 86 anos, Marcionílio
Souza - Bahia.
21 de março de 2015.



A ÚLTIMA FIEL

Dona Maria Albertina é dona de Fazenda Fonte Velha, carinhosamente chamada de “roça”, localizada à beira do rio Paraguaçu, na cidade de Iaçú. Quase um ponto turístico. Todos os anos seus filhos realizam gincanas que divertem centenas de iaçuenses em provas com temas do sertão, religiosos e da história da cidade. Católica, dona Maria relembra quando fazia procissão para São José.

Quando chega a seca... ah, eu faço muita promessa, né? São José, São Roque. Faço muito. Antigamente a gente ainda saía até pra trocar o santo de uma casa pra outra. Cá pra você entender, digamos assim, que na roça a gente mora num canto e outra pessoa mora em outro, né? Sempre não é pertinho as casas. Como no meu caso mesmo, meus irmão mora perto, mas nessa época da minha mãe era uma distância assim de uns quatro a seis quilômetros que trocava o santo. Levava São José pra uma casa, e aí quando chovia ia trocar. Pegava o do vizinho e trazia pra casa da minha mãe, levava pra outro vizinho. Pegava da casa de outro vizinho e levava pra outra casa. Isso começava no dia primeiro de março e terminava no dia 30.

Sempre chovia, inclusive dia de São José, todo mundo quando via as trovoadas dizia: _ Oh, graças a Deus, é vem a chuva. Vai ter chuva. E eu dizia: _ Ô mãe, vai chover? Ela dizia: _ Vai, minha filha, quando vê as trovoadas a chuva vem, ou antes ou depois. Esse ano, por sinal, choveu, mas não deu ainda a chuva de São José, né? A gente fica esperando com a fé em Deus. Ainda dá tempo. E vem! Com a fé em Jesus a chuva vai chegar aqui.

No mês de agosto a gente reza pra São Roque. Mas até que deixou porque foi acabando aqueles povo mais antigo. Aí realmente, hoje, naquela comunidade lá onde eu moro, só tem a mais velha eu mesmo. Os outros são mais jovens, não tem mais essa crença que meus pais tinham e eu também, né? Mas ainda mesmo, no dia 16 de agosto eu tou aqui [em Iaçú].



Com a fé em Deus eu vou assistir a missa de São Roque. Se Deus quiser!

Dona Maria já não planta mais como antes e deixou de criar parte de seus bichos faz um tempo, tudo por causa de confusão com os bichos que atravessavam a cerca.

Lá agora minha plantação é flor, essas coisas, né? E, assim, o temperinho do dia-a-dia, o alface, o tomate, o pimentão, essas coisas. Antes lá eu criava bode, ovelha, gado. Mas a criação de gado não é muita, é pouca. Mas criava muita ovelha e cabra. Não crio mais porque a idade chegou e também tem os fazendeiros, um de um lado, outro de outro e eu no meio. Aí pra não ter aborrecimento eu deixei de criar, porque passavam pro pasto dos vizinhos e já vinha queixa, né? Aí eu deixei de criar. Só crio meu gadinho porque aí não me dá trabalho, não vai pro pasto de ninguém [risos].



Maria é dona do que foi de dona Antônia, sua mãe, que deixou as bênçãos do Paraguaçu no quintal de casa para a proteção contra a estiagem. Mas, dona Maria passou, ainda assim, por situações difíceis por conta da estiagem, perdendo animais e plantações. Católica, ela lamenta o esquecimento dos costumes religiosos e culturais da atualidade. Embora ela se lembre de que a maioria dos jovens a sua volta não carrega a forte fé católica dela, a neta Marcya Karoly-na guarda com carinho um Santo Antônio na casa que era do tio avô, herança da tia Judith. Karol aprendeu com a avó, que aprendeu com a mãe, que aprendeu com alguém a ter gosto pela religião.

Maria Bertina Rocha, 86 anos, Fazenda Fonte Velha, Iaçú - Bahia.
21 de março de 2015.







Rio Paraguaçu em 2012, ano que se iniciou a última seca | Foto: Dodó Rebouças.





O CONTADOR DE CAUSOS

Tinha um cara que a missa podia ser com cinco légua ele ia. Tem uma missa na fazenda de fulano de tal, cinco légua, ele ia. Pegava o burro vei e ia. Chegava lá, assistia a missa. Passava o dia todo andando, né? Cinco légua pra ir e pra voltar dá dez. Era o dia todo. Quando foi um dia, tempo seco como tá as vez todinha aí, ele foi pra uma missa, era quatro légua a missa. Pegou o burro vei dele e se mandou. Já tinha um burro vei próprio pra isso. Quando chegou num entrevado da estância, duas légua pra missa, tinha um tanque encercado com um pouquinho de água e umas dez ovelhinha berrando, caçando jeito pra beber água e sem puder. Ele parou no canto e disse: _Oh rapaz, as bichinha morrendo de sede, olha. Essas ovelha deve tá uns três ou quatro dia sem beber água. Eu vou dá água a essas ovelha. Não sabia de quem era o tanque nem as ovelha. Aí ele chegou, marrou o burro lá, abriu a cerca e botou as ovelha pra beber. As ovelha bebeu, encheu a barriga, depois saiu. Ele fechou a cerca bem fechadinha e foi embora. Chegou lá já tinha passado a missa: _Oh, perdi a missa. Fui cuidar das ovelha, perdi a missa. Depois, passou um tempo ele morreu e foi bater no céu, lá no reino da glória. O povo fala, que quando a gente morre o corpo fica, vai pro chão, e a alma vai direto pro céu, né? Ai Deus é quem termina pra onde é que a gente vai. Ele chegou, lá e nosso Pai disse: _Filho, o que foi que você fez lá pra vim praqui pro reino da glória? Ele disse: _ Senhor, eu não conto as missa que eu fui. Fui em mais de 100 missa durante o meu tempo todo, quando eu existia no outro mundo. Mas teve uma missa que eu perdi.

Cheguei, umas ovelha tava morrendo de sede, eu dei água pra aquelas ovelha e empatou um pouquinho. Quando eu cheguei lá já tinha acabado a missa. Deus disse: _Pois, essa missa foi a que você



ganhou. Olha filho, a gente ganha o reino da glória com as obra e a caridade que faz no outro mundo. Aquelas ovelha tava com oito dia sem beber água. Você fez uma coisa tão boa que você vai ficar aqui mais a gente.

Este é só o primeiro causo contado por seu Moreno, como é conhecido seu Jerônimo, lá em Marcionílio Souza, cidade onde mora hoje. Seu Moreno morou antes em Ipirá, no centro-norte baiano, a 202km da capital. Com o olhar triste e penoso, ele conta mais um causo, desta vez vivido por ele.

Em 1982 teve uma seca pior do mundo, lá em Ipirá, né? Agora, essa daqui foi pior, essa d'agora. A lá de Ipirá de 82 acabou tudo.

Aqui, agora em 2012, eu passei oito mês dando comida ao gado. Chegava lá tava minha vaca que joelhava pra levantar e não levantava. Eu: _Êta, essa não tem jeito. Morreu. Deixou os bezerrinho com 60 dias. Dois bezerrinho. Morreu três vaca, duas tava parida. A vaca morta e o bezerrinho deitado do lado, é de doer. Foi obrigada a separar as vacas dos bezerrinho, senão morria tudo, né? Do meio pro fim ainda morreu umas três. Eu fui obrigada a vender umas sete ou oito pra dar comida aos que ficou.

Além de bom contador de história, seu Jerônimo é bom com o tempo. (Sobre)vivente de anos de seca, ele sabe quanto tempo mais ou menos uma seca dura e quando outra virá.

No nordeste é assim, todo dez ano tem uma seca. Nós tem aperto direto, né? Mas seca, é todo dez ano. Essa seca de agora ela não acabou ainda, mas já melhorou muito. Quando for em 2020, 2022, até 2023 a parada cai de novo. É assim, todo dez ano tem essa seca braba no nordeste. Agora, a gente não sabe o que diz, conversa assim, mas não sabe o que diz. Mas eu acho que nós tá melhor um pouquinho de que muitas horas de temporal que tem lá pra São Paulo, né? Essa semana mesmo teve um temporal que quase arrasa o mundo em São Paulo. Então aqui tá melhor, né? Morre uma vezinha hoje, uma vezinha amanhã e lá quando



pega é um pau só.

Seu Jerônimo mal sabia o que Salvador, logo ali, enfrentaria dois meses após a entrevista. Mais de 20 mortos soterrados por deslizamentos de terra só no mês de maio. Enquanto isso, no interior da Bahia o rio São Francisco pena sobrevivência após três anos consecutivos de seca e o Paraguaçu entrou em estado de alerta desde o final de 2014.

O contador de histórias, ainda é devoto de todos os santos, com uma preferenzinha pelo Bom Jesus.

Bom, o que tá lá na Lapa a gente não vai dizer nada, né? Mas o Senhor Bom Jesus é quem mandou tudo o que tem no mundo. Então, eu prefiro o Senhor Bom Jesus.

Quanto a promessas...

Nunca fiz promessa pra chover, não. Mal que não adianta, né? Deus sabe a hora e o dia certinho de mandar o banquete. A gente fica preocupado, mas Deus tá vendo tudo, até os merecimento da gente. Com isso a gente é bom ficar quieto, que a promessa se fizer tem que cumprir. É que nem um débito. E com isso eu nunca fiz promessa não. Mas eu sou um católico mais preparado que tem no mundo, porque não tem hora no mundo pra eu não me lembrar do nosso pai do céu. Na hora em que eu vou deitar eu tenho de rezar. Na hora que eu levanto, tenho de rezar. Na hora que eu vou pra roça, primeiro eu me benzo, quando eu saio de lá pra cá, a merma coisa. Agora, na igreja passa às vezes até 30 dia que eu não vou na missa.

Ele preferiu seguir os conselhos que Deus deu no seu primeiro caso. Falando em caso...

Eu tenho um bocado de caso bonito pra contar. Eu vou contar outro caso. Caso vei... Nosso Pai, que Deus não é meu pai, não, é nosso Pai, pai de todo mundo. No princípio do mundo ele andava no mundo, né? O povo diz que andava e andava mesmo. Que tudo é dele, né? Ele é quem manda. Aí ele chegou na casa de um vei todo cheio de pereba, chegava o salmeiro assim pelo corpo dele, o vei só ele e a veia. Mas ele chegou como vei também, né? Aí, chegou assim no varandado da casa pediu



rancho já de tardinha. O dono da casa veio: *_Pois não? Pode entrar pra cá. O que é isso aí? Aí ele: _Ô meu senhor, tou doente. Todo cheio de pe-reba. Deu uma coceira braba no corpo que eu coço de caco de teia. Todo ruído. E eu tenho um remédio próprio pra isso, mas só que eu não tenho condições e quem tem condições não vai fazer isso pra mim. Ele disse: _E porque não vai fazer? _Não faz, não. Não tem como fazer, não. _E o que é, vei? Cê sabe? Ele disse: _Eu sei e eu vou lhe dizendo que você tem esse remédio aí. Mas você não vai fazer, eu não sou nada seu, cê não me conhece. _E o que é, vei? Me diga o que é.*

O vei tinha uma vaca preta parida com uma bezerrinha. Tinha três dias de parida, né? Ele disse: _Olha, o remédio é matar uma vaca preta, que nem essa vaca sua, assim parida de novo, e eu passar o sangue da vaca em meu corpo. Com três dia eu tou sãozinho. Mas você tem sua vaquinha e não vai fazer isso pra mim. Aí ele disse: _Ô fulana - com a mulher - vamo matar a vaca, fulana? Ela disse: _Vamo. Aí Deus, que tava de vei, disse: _Eu tiro a banda do couro da vaca, passo o sangue da vaca no meu corpo, com três dia eu tou são. _Ô fulana, vamo matar a vaca, olha como tá esse vei, já pingando salmeira, rapaz, todo ruído. O Deus que deu essa vaca a nós dá outra. Vamo matar.

Meteram o machado na vaca, matou, tirou uma banda do couro. O vei pegou aquele sangue do couro e passou no corpo dele todo. Aí deixou a vaca ali só tirado o lado do couro, né? Tirou o chocalho e pendurou no varandado. Foram dormir. Deus, disfarçado de vei, dormiu num esteira assim no chão. Quando foi de noite, de madrugada, lá pra três horas, o chocalho da vaca tocando. Aí o vei falou: _Olha fulana, olha! O chocalho da vaca tocando! Oh rapaz, nossa vaca, heim? A mulher disse: _Deixa, não tem nada, não. Tá arrependido? _Não, tou arrependido, não. O Deus que deu aquela vaca a nós pode dar outra. Aí ele levantou, quando ele levantou tava a vaca em pé dando mama a bezerra. A bezerrinha batendo o rabo no chocalho. _Fulana, é vem cá pra tu vê uma coisa. A vaca de pé dando mama a bezerrinha!

Como é que pode, né rapaz?





Jerônimo Gomes Rosendo, 75 anos, Marcionílio Souza – Bahia.
21 de março de 2015.

67





Seu Moreno teve 14 filhos. Perdeu um. Vive da terra, para a terra e pela terra, até hoje ele cria seus bichinhos em sua roça. Conhece a seca bem de perto. Católico, ele vive seguindo os passos dos causos que ouvia do pai. É um dos católicos de Brandão, que adapta as histórias, seguindo uma religiosidade popular. É um ícone na cidade, quase um patrimônio religioso e cultural. Diverte-se tocando sua viola, na calma, seguindo o curso que Deus manda a vida, porque Deus é dono de tudo e manda em tudo.







Essas pessoas não são nem um terço dos sertanejos que vivem nesta realidade: secos e religiosos, viventes da terra e da fé. Muitas dessas pessoas sequer se viram algum dia na vida, mas agora, fazem parte da mesma história.

Seu Moreno é quase o próprio IBGE, com os dados da seca a partir de experiência própria. Dona Maria Bertina é uma preciosidade religiosa perdida entre os jovens. Dona Ester não tem mais a memória tão boa, mas tem a mesma fé de quando ainda tinha suas terras. As Antônias carregam o mesmo nome e os mesmos sufocos da estiagem, mas seguem religiões diferentes, mantendo o mesmo Deus. Seu Rafael e seu Manoel são vizinhos com realidades diferentes quanto à seca. Seu Eduardo é o pagador de promessas da vida real. Dona Cecé é quase um calendário religioso com as datas de comemoração de todos os santos. Cada um com suas particularidades, todos com muita proximidade.

Memórias vivas dentro de cada um acabaram de se tornar uma grande memória da seca e da religião como caminho. Eram várias memórias distintas, perdidas, mas agora são exemplos de como se viver da fé.





RETRATOS DA SECA E DA FÉ

73





Foto: Dodó Rebouças



Imagens de São José durante celebrações das missas em homenagem ao santo. 23 de novembro de 2014





/ 19 de março de 2015 | Fotos: Susana Rebouças.





Moradores da zona rural de São José voltando do enterro de um lavrador | Foto: Susana Rebouças.





Oratório de Dona Celestina | Foto: Susana Rebouças.





Fiéis durante missa da Festa da Colheita, na Paróquia São José dos Itapororocas em Maria Quitéria. Novembro de 2014 | Foto: Susana Rebouças.







Paróquia São José dos Itapororocas em Festa da Colheita. 23 de novembro de 2014 | Foto: Susana Rebouças





as



Feira em agradecimento a safra, após missa da Festa da Colheita | Foto: Susana Rebouças.







Barraca de Seu Morenilson na feira livre de Marcionílio Souza | Foto: Susana Rebouças.





Ovelhas de Seu Manoel | Foto: Susana Rebouças.







Gado pastando em capim seco. Marcionílio Souza, 2013 | Foto: Dodó Rebouças.





92









Antigamente a gente ainda saía até pra trocar o santo de uma casa pra outra. Cá pra você entender, digamos assim, que na roça a gente mora num canto e outra pessoa mora em outro, né? Sempre não é pertinho as casas. Como no meu caso mesmo, meus irmão mora perto, mas nessa época da minha mãe era uma distância assim de uns quatro a seis quilômetros que trocava o santo. Levava São José pra uma casa, e aí quando chovia ia trocar. Pegava o do vizinho e trazia pra casa da minha mãe, levava pra outro vizinho. Pegava da casa de outro vizinho e levava pra outra casa. Isso começava no dia primeiro de março e terminava no dia 30. – Maria Bertina.

